

O Kantismo como ficcionalismo:

Hans Vaihinger e a sua “filosofia do como se”

Leonel Ribeiro dos Santos

Como citar: SANTOS, Leonel Ribeiro dos. O Kantismo como ficcionalismo: Hans Vaihinger e a sua “filosofia do como se”. In: MARTINS, Clélia Aparecida; MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo (org.). **Kant e o Kantismo:** heranças interpretativas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Brasiliense, 2009. p.9-15. DOI: <https://doi.org/10.36311/2009.978-85-11-00162-4.p196-218>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

O KANTISMO COMO FICCIONALISMO: HANS VAIHINGER E A SUA “FILOSOFIA DO COMO SE”*

Leonel Ribeiro dos Santos

Universidade de Lisboa

“O Kant, wer rettet dich vor den Kantianern?”¹

Redescoberta na Alemanha, no último quartel do século XIX, a filosofia de Kant logo se tornaria, nas seis décadas subsequentes, um campo de batalha onde se perfilaram vários protagonistas, os quais, ora isoladamente ora “tribalmente” organizados, pretendiam ser os genuínos herdeiros do legado kantiano, os autênticos intérpretes do pensamento do filósofo. Do ponto de vista da hermenêutica do kantismo, esse período considera-se geralmente dominado pelo chamado neokantismo. Mas, à margem dos chamados “neokantianos” e por vezes até em conflito com esses novos discípulos do filósofo de Königsberg, que interpretavam a filosofia crítica e o idealismo transcendental que nela se propunha ora como uma “teoria do conhecimento” (*Erkenntnistheorie*) ora como uma “filosofia da cultura” (*Kulturphilosophie*), havia outros kantianos que liam a obra de Kant esforçando-se por restituí-la à tradição do pensamento metafísico (Friedrich Paulsen, Erich Adickes, Nicolai Hartmann, Heinz

*Este ensaio retoma, abreviando-as, algumas ideias já anteriormente expostas no meu ensaio “Hans Vaihinger: o Kantismo como Ficcionalismo?”, apresentado no Colóquio Internacional Kant 2004: Posteridade e Actualidade (Lisboa e Évora, Novembro de 2004) e publicado em *Kant: posteridade e actualidade*, Lisboa: CFUL, 2007.p.515-536), explicitando outras, nomeadamente, a relação entre Vaihinger e o neokantismo.

¹ “Oh Kant, quem te salva dos kantianos?”, Hans Reichenbach, *Brief an Arnold Berliner*, 22. April. 1921 (HR 015-49-26, Archive for Scientific Philosophy, Hillman Library, University of Pittsburgh).

Heimsoeth, Max Wundt, Martin Heidegger) e ainda alguns outros que descobriam ou acreditavam descobrir nela tópicos fecundos e ainda não explorados, ao mesmo tempo que se esforçavam por pô-la em diálogo e conexão com as formas do pensamento filosófico emergentes no final do século XIX e princípios do século XX, fossem elas de inspiração positivista ou idealista, vitalista ou transcendental, pragmatista ou esteticista.

O pensador de quem aqui se trata é destes últimos. De fato, no amplo movimento de “regresso a Kant” que se viveu na Alemanha a partir das três últimas décadas do século XIX e se prolongou pelas três primeiras décadas do século XX, Hans Vaihinger (1852-1933) ocupa um lugar singular. Ele não se alinha em nenhuma das duas principais escolas neokantianas que se constituíram na época, a de Marburgo e a de Baden, embora não tenha sido alheio a nenhuma delas e até expressamente tivesse reconhecido que alguns dos pensadores de uma e de outra deram contributos pontuais que iam ao encontro da sua própria “filosofia do como se” (*Philosophie des Als Ob*).² É o caso de Paul Natorp, de Ernst Cassirer, de

² HANS VAHINGER, *Die Philosophie des Als Ob. System der theoretischen, praktischen und religiösen Fiktionen der Menschheit auf Grund eines idealistischen Positivismus. Mit einem Anhang über Kant und Nietzsche*, Berlin, 1911. A obra teria 4 edições até 1920 e 10 até 1927.

O interesse pelo tema central dessa obra nunca esteve de todo ausente e pode traçar-se a história da sua fecundidade em vários setores do pensamento do século XX. Mas, a avaliar pela insistência do tema em obras recentes, pode falar-se de um renascimento da reflexão sobre o ficcionalismo e o “como se”. Veja-se: SCHAEFFER, Jean-Marie. *Pourquoi la fiction?*, Paris: Seuil, 1999; CARTWRIGHT, Nancy *How the Laws of Physics Lie*. Oxford: Clarendon Press, 1983. CLÉRO, Jean-Pierre, *Les Raisons de la fiction – Les philosophes et les mathématiques*. Paris: Armand Colin, 2004; GOODMAN, Nelson. *Faits, fictions et predictions*, Paris: Minuit, 1985. GRANGER, Gilles-Gaston. *Le probable, le possible et le virtuel*. Paris: Odile Jacob, 1995; SCHAEFFER, Jean-Marie; HEINICH, Nathalie. *Art, création, fiction, entre sociologie et philosophie*, Éd. Jacqueline Chambon, Paris, 2004; CONCHE, Marcel. *Avec des “si” – Journal étrange*. Paris: PUF, Paris, 2006. Recentemente *Science et Avenir* (nº 14, Juillet-Août, 2006) dedicou um número extra ao tema “Les Fictions de la Science”. Da mesma forma, *Le nouvel Observateur* dedicou um número extra (nº 64, Decembre 2006 /Janvier 2007) ao tema “Pourquoi nous croyons aux contes de fées”. Anunciava-se para o ano 2007 a publicação pela Editora Kimé da tradução francesa da obra de Vaihinger, por Christophe Bouriau. Recentemente, Jacob Schmutz publicou na revista *Les Études Philosophiques* (Octobre 2006, pp.517-535) o ensaio “Épistemologie de la fiction: Thomas Hobbes et Hans Vaihinger”, no qual relaciona a teoria das ficções de Vaihinger com o amplo uso da ficção – do como se – na filosofia política de Hobbes. Entretanto, num Congresso da Sociedade Kant Brasileira de Porto Alegre (11-16 de Maio de 2008) tivemos conhecimento de que está em preparação avançada a publicação de uma tradução portuguesa da obra de Vaihinger, feita pelo Prof. Dr Johannes Kretschmer, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Do renovado interesse pelo tópico – kantiano-nietzscheano-vaihingeriano – que alguns já reivindicam para o pensamento pós-moderno – fala também o Colóquio, realizado em Frankfurt pelo Akademisches Zentrum Rabanus Maurus, em cooperação com a Kant-Gesellschaft, a 20 e 21 de Junho de 2008, dedicado ao tema *Über den Nutzen von Illusionen. Die regulativen Ideen in Kants theoretischer Philosophie*, com particular destaque para as comunicações de Claudio La Rocca (“Formen des Als-Ob bei Kant”) e de Claude Piché (“Die Entstehung der psychologischen Illusion bei Kant”).

Bruno Bauch, de Wilhelm Windelband e de Heinrich Rickert. É o caso também de Hermann Cohen. Mas, em contrapartida, o seu nome não costuma figurar nas histórias do neokantismo e os próprios neokantianos não o consideravam como sendo um deles, e só excepcionalmente algum deu atenção à sua proposta filosófica ou à sua peculiar interpretação da filosofia de Kant.

Na verdade, se Vaihinger era capaz de abarcar na sua ampla “filosofia do como se” até os resultados de alguns dos neokantianos, já estes só poderiam considerar como estranha e suspeita uma filosofia de feição eclética que se apresentava como uma nova forma de ceticismo ou de agnosticismo, onde o kantismo era aparentemente despotenciado do seu significado especulativo forte e reduzido à dimensão de um fenomenismo cético ou de uma teoria geral, não da objetividade científica e da verdade metafísica, mas das ficções humanas. O próprio estilo de *Die Philosophie des Als Ob* é muito diferente do que era cultivado pelos neokantianos nas suas obras. Vaihinger documenta a sua obra com os textos dos filósofos e cientistas para ver como neles funciona, está em jogo ou suposta a consideração do “como se” e é a partir daí que teoriza. Os escritos dos neokantianos, por seu turno, caracterizam-se em geral pela austeridade especulativa e caem não raro num árido formalismo acadêmico. Por outro lado, a “filosofia do como se” passava ao lado daqueles aspectos que os neokantianos, no seu esforço por levar a cabo a reconstrução sistemática da filosofia de Kant, punham em realce na sua leitura sobretudo da *Crítica da razão pura*: uma teoria das condições transcendentais da experiência, uma doutrina do método transcendental, uma lógica do pensamento puro.

Não admira, pois, que Paul Natorp, no balanço que propõe da escola kantiana de Marburgo, numa conferência proferida na sede da Kant-Gesellschaft, em Halle, a 27 de Abril de 1912,³ onde rejeita já como infundada a ideia – mais tarde também rejeitada por Cassirer no seu célebre

³ A conferência seria depois publicada na revista *Kant-Studien*, v. 17, p.193-221, 1912.

debate de 1929 em Davos com Heidegger – de um kantismo ortodoxo da Escola de Marburgo e termina propondo a filosofia de Kant – o idealismo transcendental – como a base de uma “filosofia da cultura” (*Kulturphilosophie*) capaz de dar conta do todo da vida, não faça qualquer menção, nem de passagem, aos vários estudos kantianos de Vaihinger, seu anfitrião, e nem sequer à principal obra deste, *Die Philosophie des Als Ob*, publicada no ano anterior. E ainda nos mais recentes balanços sobre o neokantismo, o nome de Vaihinger, se alguma vez aparece referido em nota, é só para marcar o contraste com os verdadeiros neokantianos.⁴

No geral desinteresse dos neokantianos pela singular obra do professor de Halle, há contudo uma significativa exceção. Num longo ensaio que abre o primeiro número do *Jahrbücher der Philosophie*, intitulado “Erkenntnistheorie nebst den Grenzfragen der Logik”,⁵ onde discute o problema da relação da verdade (*Wahrheit*) com a realidade (*Wirklichkeit*) como sendo o tema central da teoria do conhecimento, Ernst Cassirer procede a um inquérito acerca do estado da abordagem dessa questão, percorrendo não só o tratamento que lhe era dado pelos neokantianos, fossem eles marburgenses ou outros, mas abordando também outros filósofos contemporâneos, como Husserl, Bolzano, Croce, Dewey, M.-L. Ashley, William James. Precisamente no contexto da apreciação da obra deste último – “*Pragmatism*” – *a new name for some old ways of thinking* (New York, 1907) – e da discussão do conceito pragmatista de verdade, dedica Cassirer uma meia dezena de páginas à principal obra de Vaihinger, *Die Philosophie des Als Ob*, que teve nesse mesmo ano a sua segunda edição e na qual reconhece uma determinação e clarificação da teoria do pragmatismo exposta sob a tese de que “todo o pensamento conceptual possui apenas um carácter ficcional” (*alles begriffliche Denken lediglich fiktiven Charakter besitzt*). Cassirer situa

⁴ Veja-se como exemplo, HANS-LUDWIG, Ollig. *Religionsphilosophie der Sudwestdeutschen Schule*. In: *Materialien zur Neukantianismus-Diskussion*. Darmstadt: WBG 1987. p.433. Em contrapartida, Klaus Christian Köhnke, na sua obra *Entstehung und Aufstieg des Neukantianismus. Die deutsche Universitätsphilosophie zwischen Idealismus und Positivismus*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1986, evoca recorrentemente “cer Neukantianer Vaihinger”, destacando o seu papel e lugar na filosofia alemã entre o final do século XIX e o começo do século XX. Também Jacob Schmutz, no ensaio acima citado, considera Vaihinger como um “neokantiano”, no amplo sentido em que neste ensaio o tomamos por tal.

⁵ *Jahrbücher der Philosophie* 1 .Berlin, 1913. p.40-45.

a obra no seu contexto histórico-filosófico, identifica os seus pressupostos e discute as suas teses, reconhece a sua relativa pertinência, ao mesmo tempo que aponta as dificuldades, incongruências e paradoxos de uma teoria das ficções que se propõe como teoria da verdade: tal teoria é ela mesma e enquanto tal uma verdade ou uma ficção? Da mesma forma, discute a noção de realidade (*Wirklichkeit*) e a distinção entre o real e o ficcional supostas pelo “idealismo positivista” vaihingeriano, segundo o qual as “sensações e as suas sucessões e coexistências são a única realidade” e tudo o que nestas não é revelado não só é fictivo, como nunca pode provar a sua verdade objectiva. Mas Cassirer não se limita a identificar a fragilidade dos pressupostos metodológicos de Vaihinger, apontando também as limitações da interpretação vaihingeriana da filosofia de Kant, nomeadamente, num ponto estratégico, mostrando como ela, trabalhando com uma noção de “ficção” que é simultaneamente demasiado ampla e demasiado redutora, é incapaz de dar conta da rica diversidade de expressões com que o filósofo crítico nomeara as representações do espírito e a respectiva intencionalidade semântica, distinguindo intuições, esquemas, símbolos, categorias, ideias, postulados, ideias estéticas, princípios constitutivos e princípios regulativos. Aparentemente insensível a toda essa variedade, Vaihinger põe tudo no mesmo plano, nivela tudo no mesmo “círculo da ficcionalidade” (*Kreize der Fiktizität*).

A obra de Vaihinger e a tese central que ela propunha veio a ter uma grande difusão mesmo no período da Primeira Guerra Mundial, do que dão testemunho as quatro edições que teve até 1918. Deu azo a fecundos desenvolvimentos e aplicações aos mais vários domínios do pensamento, desde as ciências à filosofia, e quase se tornou um tópicos de moda. Mas suscitou também fortes reações e críticas. Desta antitética recepção – de entusiasmo por uns e de recusa por outros – dá conta o próprio Vaihinger, nos “Prefácios” às sucessivas reedições da sua obra. Enquanto interpretação da filosofia de Kant, ela viria a ser refutada severamente, já na terceira década do século XX, por um outro kantiano, o

qual todavia também não se identificava com a exegese da filosofia crítica praticada pelos neokantianos. Falo de Erich Adickes. Primeiro, na sua obra sobre o *Opus postumum*⁶ e depois, sistematicamente, na obra *Kant und die Als-Ob Philosophie*,⁷ esse discípulo de Friedrich Paulsen procede a uma violenta crítica da interpretação da “filosofia do como se”, que considera absolutamente insustentável e assente numa completa incompreensão e violentação do Kant real, contrapondo ele ao Kant ficcionista de Vaihinger e de seus discípulos e ao Kant teórico do conhecimento dos neokantianos um outro Kant dominado pelas questões metafísicas. Tal como o fizera Cassirer, embora com pressupostos e propósitos diversos, também Adickes contesta a noção vaihingeriana de ficção, que considera não ser capaz de conter a intencionalidade do que nos escritos de Kant se diz pela expressão *als ob*. Segundo Adickes, uma investigação semântica contextualizada que tivesse por objeto essa expressão e outros termos kantianos que Vaihinger subsume na sua noção muito geral de ficção, tornaria patente toda a fragilidade da sua pretensão de invocar Kant e a sua obra como a melhor testemunha do seu ficcionalismo sistemático e bastaria para recomendar a completa recusa de uma tal interpretação da filosofia kantiana e dos seus tópicos maiores (a coisa em si, as ideias, os postulados) como sendo meras ficções.

O singular perfil do percurso filosófico de Vaihinger pode explicar-se pela confluência de matrizes heterogêneas que estão na sua gênese. Encontramos aí, antes de mais, como decisiva e reiteradamente assumida, a inspiração de Friedrich Albert Lange, o qual motivaria também outros neokantianos, sobretudo os da escola de Marburgo. Mas ao positivismo e agnosticismo metafísico do celebrado autor da *Geschichte des Materialismus* associam-se outras correntes de pensamento muito ativas na época, designadamente, o voluntarismo e o pessimismo schopenhauerianos, o

⁶ *Kants "Opus postumum" dargestellt und beurtheilt*, Berlin, 1920.

⁷ Fr. Frommanns Verlag, Stuttgart, 1927. Em Inglaterra, a obra de Vaihinger foi parcialmente traduzida em 1925 pelo filósofo de Cambridge C. K. Ogden, o qual esteve também na origem da redescoberta da teoria das ficções de Jeremy Bentham, um verdadeiro antecessor, que o professor de Halle todavia não cita, provavelmente apenas porque não conhecia de fato os estudos do filósofo inglês.

biologismo darwiniano e o pragmatismo peirciano. Tudo isso junto resulta num estranho sistema que o autor designa pelo não menos estranho nome de “positivismo idealista” ou de “idealismo positivista”.

Ainda assim Vaihinger foi um dos primeiros a reconhecer o significado do movimento de “regresso a Kant” logo nos seus começos. Num ensaio publicado em 1876, sobre a história da filosofia alemã no século XIX, já apresenta Lange como “o ponto mais alto dos chamados neokantianos” (*Spitze der sogenannten Neukantianer*), os quais, segundo diz, “devem procurar-se tanto entre os filósofos de profissão como entre os investigadores da natureza” (*die sowohl unter den Philosophen von Profession, als besonders unter den Naturforschern zu suchen sind*).⁸ Noutro passo desse ensaio, o mesmo Lange é apresentado como “chefe dos jovens kantianos” (*Haupt der Jungkantianer*).⁹ E, uma dezena de páginas adiante, declara que o futuro da filosofia na Alemanha pertence a estes “jovens kantianos” (*Jungkantianer*), entre os quais conta, além de Lange, Otto Liebmann, Hermann Cohen e outros nomes menos conhecidos. Num tardio ensaio de autointerpretação, Vaihinger declara-se ainda um “discípulo de Lange” e vê sair do neokantismo deste, duas vias – a de Cohen, que se propõe aprofundar a doutrina kantiana de uma forma estrita e rigorosa no sentido do idealismo transcendental, e a sua própria, concretizada na sua obra *A filosofia do como se*, a qual, no dizer do seu autor, mediante o aprofundamento da doutrina kantiana do *als ob*, se propunha ligar o neokantismo de Lange com o empirismo e o positivismo contemporâneos.¹⁰

Como se vê, para Vaihinger, as expressões “Neukantianer” ou “Jungkantianer” têm um sentido amplo (como veremos, também nelas inclui

⁸ VAIHINGER, Hans. *Hartmann, Dühring und Lange. Zur Geschichte der deutschen Philosophie im XIX Jahrhundert. Ein kritische Essay* 1876. p.8.

⁹ *Ibidem*, p. 205.

¹⁰ “Vom Neukantianismus eines F. A. Lange aus konnten zwei verschiedene Wege eingeschlagen werden, entweder konnte der Kantische Standpunkt auf Grund genaueren Eindringens in die Kantische Lehre schärfer und treuer herausgearbeitet werden, dies geschah durch Cohen. Oder man konnte den Neukantianismus Langes mit dem Empirismus und Positivismus in Verbindung bringen. Dies ist durch meine Philosophie des Als Ob geschehen, die aber ebenfalls auf ein gründlicheres Eindringen in die Kantische Als-Ob-Lehre führt. VAIHINGER, Hans. *Wie die Philosophie des Als Ob entstand*. In: SCHMIDT, Raymund (Hrsg.), *Die Deutsche Philosophie der Gegenwart in Selbstdarstellungen*. 2. Bd. Leipzig: Felix Meiner, 1921. p.197.

Nietzsche, o qual teria recebido o decisivo impulso para a sua filosofia igualmente a partir da leitura de Lange!), não designando tais expressões ainda uma escola ou tendência de pensamento determinada, mas antes um grupo muito variado de pensadores, os quais, apesar das suas diferenças de formação e de inspiração e sem abandonarem os seus próprios programas filosóficos, se empenhavam em levá-los a cabo num diálogo direto com a filosofia de Kant. O que os unia era a palavra de ordem, formulada por Otto Liebmann em 1865, na sua obra *Kant und die Epigonen: "Zurück zu Kant"* (Regresso a Kant).¹¹ Kant servia-lhes de estímulo para pensarem mais radicalmente os problemas que a filosofia e a ciência do tempo colocavam e para superarem a divisão estéril entre o positivismo e o idealismo, tópico este ao qual Vaihinger era particularmente sensível, tomando-o muito a peito. Mas logo esse regresso a Kant significou também uma maior atenção ao texto kantiano, de novo lido e comentado intensa e extensamente, e uma maior atenção também às teses kantianas, que são agora objeto de renovada hermenêutica no esforço por captar o espírito da filosofia crítica e por reconstituir a sua coerência sistemática. O regresso a Kant permitiria ainda a descoberta (ou redescoberta) de aspectos da filosofia kantiana que haviam sido deixados incultos pelas interpretações dos pensadores idealistas e, trazendo assim à luz novas dimensões do kantismo, revelava também um outro Kant. Mas podia revelar igualmente as limitações da filosofia kantiana, propondo aos novos hermeneutas e pensadores a tarefa de levar mais longe ainda e de forma mais consequente o programa iniciado pelo autor da *Crítica da razão pura*.

É essa atitude de pensamento que encontramos em Vaihinger. A sua contribuição para o "regresso a Kant" e para a renovação dos estudos kantianos foi decisiva em vários níveis. Em primeiro lugar, como minucioso co-

¹¹ Não há unanimidade quanto à atribuição a Liebmann do papel de desencadeador do movimento do neokantismo. Outros atribuem-no a Hermann Lotze, e há quem invoque uma Lição Inaugural proferida por Eduard Zeller na Universidade de Heidelberg em 1862. Veja-se: MARCK, Siegfried. Am Ausgang des jüngeren Neukantianismus. Ein Gedenkblatt für Richard Hönlswald und Jonas Cohn., *Archiv für Philosophie*, v. 3, p.144-164, 1949. PHILONENKO, A. *L'École de Marbourg. Cohen – Natorp – Cassirer*, Vrin, Paris, 1989, p.9; WERNER, Flach; HOLZHEY, Helmut. Einführung. zu: *Erkenntnistheorie und Logik im Neukantianismus. Texte von Cohen, Natorp, Cassirer, Windelband, Rickert, Lask, Bauch, Gerstenberg* Verlag, Hildesheim, 1979, p.9-14.

mentador da obra principal do filósofo, a *Crítica da razão pura*. O seu comentário a esta obra, em dois volumes, publicados com dez anos de distância um do outro, não vai todavia além da Estética Transcendental.¹² Devem-se-lhe vários outros ensaios kantianos, dos quais destaco um, de 1883, sobre a refutação kantiana do idealismo (“Kant Widerlegung des Idealismus”). Num outro, de 1902, comentando a aproximação entre Kant e Platão enquanto pensadores metafísicos, que havia sido proposta por Friedrich Paulsen (seja na obra *Kant, Sein Leben und seine Lehre*, Stuttgart, 1898, seja no ensaio “Kants Verhältnis zur Metaphysik”, *Kant-Studien*, v. 4, 1900), Vaihinger sugere que se estenda essa aproximação e se reconheça o parentesco entre ambos os filósofos também na capacidade que revelam para criar pertinentes mitos ou metáforas mediante os quais expõem as respectivas filosofias, e termina sugerindo que Kant, tal como de resto Platão, além de ser um “metafísico” é também um “metafórico”.¹³ Um terceiro ensaio aborda a dedução transcendental das categorias (“Die transzendentale Deduktion der Kategorien”).

Mas deve-se a Vaihinger sobretudo a criação de duas instituições que irão ser decisivas por todo o século seguinte e até o dia de hoje para o desenvolvimento sustentado dos estudos kantianos. São elas a revista *Kant-Studien*, por ele fundada em 1895 e publicada a partir de 1896, e a “Kant-Gesellschaft”, fundada em 1904, no primeiro centenário da morte do filósofo. Estas duas instituições kantianas, juntamente com o empreendimento desencadeado por Wilhelm Dilthey, pela mesma época, de publicação de todos os escritos kantianos, mesmo os do espólio, garantiriam as condições materiais e institucionais para a difusão da obra e do pensamento de Kant ao longo de todo o século XX. Em 1906, Vaihinger, acometido de cegueira, vê-se obrigado a abandonar a sua cátedra na Universidade de Halle. Publica, em 1911, a obra que o tornaria famoso – *A filosofia do como se (Die Philosophie des Als Ob)*. Em 1919, cria com

¹² VAIHINGER, Hans. *Kommentar zu Kants "Kritik der reinen Vernunft"*. Stuttgart; Berlin; Leipzig, 1881-1892.

¹³ VAIHINGER, Hans. Kant ein Metaphysiker? *Kant-Studien* v. 7, p. 117, 1902 “Dem Schlagwort, ‘Kant ein Metaphysiker’ kann man das gleichwertige gegenüberstellen: ‘Kant ein Metaphoriker’”.

Raymund Schmidt os *Annalen der Philosophie mit besonderer Rücksicht auf die Probleme der Als Ob Betrachtung*, um órgão de divulgação de estudos pluri-interdisciplinares sobre a temática do *als ob* e, dois anos depois, publica, numa obra sobre a filosofia alemã – *Die deutsche Philosophie der Gegenwart in Selbstdarstellungen* (Bd.II, Leipzig, 1921, pp.183-212), um importante ensaio autointerpretativo sobre “a gênese da filosofia do como se”. Morre em 1933.

Não é, porém, tanto pelo seu contributo para a “Kantphilologie” através do seu trabalho de minuciosa exegese da *Crítica da razão pura*, nem pela criação da revista *Kant-Studien* ou pela fundação da “Kant-Gesellschaft” que Vaihinger tem um lugar muito próprio na história do movimento de “regresso a Kant” e pode ser considerado como um neokantiano, e mesmo como um dos primeiros, dando à expressão o sentido amplo, mas preciso, que ele próprio lhe atribuía. No longo “Prefácio” que acompanha a primeira edição de *Die Philosophie des Als Ob*, é-nos revelado pelo autor (que se apresenta na qualidade de editor) que a obra fora redigida como dissertação acadêmica cerca de 35 anos antes, entre os anos 1875 e 1878, e que nela se propusera ele captar não apenas um ponto nodal do kantismo, mas o verdadeiro Kant, “o Kant pleno e completo” (*der volle und ganze Kant*), “o sentido próprio e final da filosofia kantiana” (*der eigentliche und letzte Sinn der Kantischen Philosophie*), sentido este que estaria, segundo ele, naquele modo de pensar que se diz pela expressão “como se” – a “Als-Ob-Betrachtung”. Para conseguir isso, diz Vaihinger, há que ter não só a inteligência como também a coragem (*nicht blos Verstand, sondern auch Mut*) para se libertar do Kant escolar e tradicional, que é, segundo ele, um Kant muito incompleto.¹⁴ O seu trabalho exegético da primeira *Crítica*, prosseguido segundo um método a que chama “analítico-histórico”,

¹⁴ “Der traditionelle Kant, der Kant der historischen Lehrbücher, mit einem Wort: der Schul-Kant ist eben nicht der volle und ganze Kant. Um Kant ganz und voll zu verstehen, resp. verstehen zu wollen, dazu gehört eben nicht blos Verstand, sondern auch Mut.” *Die Philosophie des Als Ob*, p.XIV. Para uma apreciação geral da interpretação vaihingeriana de Kant, quanto ao modo e ao conteúdo, veja-se o ensaio de Walter Del-Negro, “Hans Vaihingers philosophisches Werk mit besonderer Berücksichtigung seiner Kantforschung”, *Kant-Studien*, 1934, pp.316-327. Veja-se também: WILLRODT, S. *Semifiktionen und Vollfiktionen in Vaihingers Philosophie des Als-Ob*. Leipzig, 1934.

completa-se assim com o esforço de interpretação “sintético-construtiva” do sentido de todo programa filosófico kantiano como sendo gerido pela consciência do poder ficcional do espírito humano naquilo que ao espírito mais importa, as representações filosóficas e científicas, as representações religiosas, éticas e estéticas.

Trata-se, portanto, de um programa de regresso ao que considera ser o genuíno Kant. Um regresso que, colhendo a inspiração e apreendendo o espírito da filosofia kantiana, pretende libertá-la da roupagem do “desvitalizado racionalismo dogmático” com que o próprio filósofo crítico terá desenvolvido e ao mesmo tempo obscurecido as suas descobertas.¹⁵ Vaihinger insiste na ideia de que Kant, embora tenha descoberto a natureza ficcional das representações filosóficas e tenha amplamente mostrado o seu uso, não teve, contudo, clara consciência da sua descoberta e até a comprometeu ao envolvê-la na linguagem da metafísica tradicional. Da mesma forma, Kant não teria chegado a compreender o mecanismo da gênese e funcionamento das ficções da mente, os quais, segundo o professor de Halle, são de ordem biológica e se explicam pelo mecanismo da adaptação e concorrência que rege o mundo dos organismos vivos, de acordo com a teoria de Darwin. Regressar a Kant significa, pois, para Vaihinger, radicalizar o programa kantiano, levar o kantismo mais longe do que o próprio Kant o havia levado.¹⁶ Tal é o propósito da “filosofia do como se”, um programa que, completamente desenvolvido, ultrapassaria, porém, uma interpretação do significado da proposta kantiana para se propor como uma teoria geral das ficções, como um “sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade”.

¹⁵ “Man hatte auf diesem Wege weitergehen sollen; so hatte man das Kantische Resultat sich rein bewahrt: freilich hatte dieser grosse Philosoph selbst seine ruhmreichen Entdeckungen mit den Rettungsversuchen abgelebter rationalistischer Dogmatik befleckt und so selbst dazu beigetragen, dass seine richtigen Resultate begraben und vergessen wurden.” *Die Philosophie des Als Ob*, p.43.

¹⁶ “Kant hat wohl die Idee gehabt, dass alle Formen des Begriffes und der Anschauung rein *subjektiv*, d.h. *fiktiv* seien, allein bis zu der energischen Betonung and Forderung der *historisch-genetischen* Ableitung dieser höheren Begriffswelt aus *elementaren Empfindungswelt* durch Anpassung und Konkurrenz ist er nicht fortgeschritten. Wie viel uns Kant also zu tun übrig gelassen hat, kann einigermaßen aus diesem Vergleiche [mit Darwin] hervorgehen. Kant hat gerade die Hauptfrage: *durch welchen Mechanismus des Denkens* denn wir mittelst dieser subjektiven Vorgänge und Vernichtungen doch in stande sind, die objektive Welt theoretisch und praktisch zu berechnen – nicht genügend beantwortet.” *Ibidem*, p.183.

Todavia, é prosseguindo e aprofundando a tese de Lange, segundo a qual “as ficções são indispensáveis ao pensamento e à vida”¹⁷ – uma tese que o próprio Lange documentara com tópicos colhidos da sua leitura dos escritos kantianos, considerando, por exemplo, na linha do próprio Kant, a teleologia como tendo o valor de uma ficção heurística, ou anotando o valor metodológico da ficção kantiana da intuição intelectual –, que Vaihinger vai descobrir na filosofia de Kant uma rica, variada e qualificada presença da ficção filosófica, a qual se diz na recorrente expressão “como se” (*als ob*), um tópico que, todavia, até então passara inadvertido aos leitores de Kant e, por conseguinte, não fora tido em conta pelo seu alcance para a interpretação da própria filosofia kantiana nem fora reconhecido pela sua fecundidade filosófica.¹⁸ Vaihinger interpreta a recorrente fórmula “als ob” como sendo a expressão linguística de uma modalidade específica de juízo, a qual, segundo ele, também não fora ainda reconhecida e ainda menos expressamente tratada pelos lógicos, e a que chama o juízo ficcional (*das fiktive Urteil*). Mas, para além disso, considera toda a filosofia de Kant como a mais ampla e expressiva amostra do universal uso filosófico da “consideração como se” (*Als-Ob-Betrachtung*) e a mais eloquente confirmação da sua importância. Na terceira parte da sua obra, o autor empreende ao longo de mais de centena e meia de páginas um quase exaustivo levantamento do recurso de Kant a esse “artifício” (*Kunstgriff*) do pensamento, percorrendo e esquadrinhando todos os escritos kantianos, desde o período pré-crítico ao *Opus postumum*, incluindo mesmo os escritos menores.

¹⁷ *Die Philosophie des Als Ob*, p.771.

¹⁸ Na verdade, um contemporâneo de Kant já aventara essa ideia, mediante a qual pensava poder reconciliar a filosofia crítica com a filosofia leibniziana. Trata-se de Salomon Maimon, no seu ensaio de 1793, *Über die Progressen der Philosophie*, onde a dado passo se lê: “Eu já fiz notar que Leibniz fez uso com vantagem do método matemático das ficções na filosofia. É aqui o lugar onde eu quero explicar-me melhor acerca disso, com o que não só lanço uma luz acerca deste método, mas também, para desgosto de muitos kantianos, espero reconciliar Leibniz com a *Crítica da razão pura*”. (Ich habe schon bemerkt, dass sich Leibniz mit Vortheil der mathematischen Methode der Fiktionen in der Philosophie bedient habe. Hier ist der Ort wo ich mich hierüber näher erklären will, wodurch ich nicht nur ein Licht über diese Methode zu verbreiten, sondern auch (manchen Kantianer zur Ärgermiss) Leibnizen mit der Kritik der reinen Vernunft auszusöhnen hoffe.) (reimpr. Aetas Kantiana, Bruxelles, p.29). De fato encontra-se em Leibniz um frequente recurso não só ao que chamava as “fictions utiles” (por exemplo, a ideia de quantidades infinitesimais (*Die philosophischen Schriften*, ed. Gerhardt, G. Olms, Hildesheim, vol. 6, p.629), mas até mesmo a expressão “comme si”, de que apresentamos apenas um exemplo: “Ce système [de l’harmonie préétablie] fait, que les corps agissent comme si (par impossible) il n’y avoit point d’Ames, et que les Ames agissent comme s’il n’y avoit point de corps, et que tous les deux agissent comme si l’un influoit sur l’autre.” *Ibidem*, v. 6, p.621.

Vaihinger insiste, porém, na tese de que, apesar de toda a importância do tema do *como se* (*Als ob*) e das ficções do espírito na filosofia kantiana, ele não foi absolutamente claro para o próprio Kant, nem este o assumiu ou formulou com plena convicção: “Foi Kant que fez a primeira e propriamente frutífera aplicação da ficção em filosofia, mas em parte também o fez sem clareza metódica”.¹⁹ Ele apenas entreviu e entreabriu um caminho, sem ter plena consciência do que fazia e sem o ter formulado de modo claro e definitivo. É por isso que o seu esforço merece e deve ser prosseguido, aprofundado, esclarecido.

Vaihinger procede a um muito completo recenseamento dos casos em que Kant faz uso do “*als ob*”, seja nas grandes obras ou nos ensaios mais pequenos. E embora conheça e registre o variado vocabulário kantiano para falar dos diferentes tipos de representação e ele próprio proceda a algumas distinções (por ex., entre hipótese e ficção), na verdade tende a usar a sua noção de ficção de um modo vago e a cobrir com ela coisas que para Kant eram realmente diversas, como as intuições do espaço e do tempo, as categorias do entendimento, os conceitos morais, as ideias da razão, os postulados da razão prática, as noções e os símbolos religiosos. Tudo isso é da ordem da ficção. Mas sê-lo-á da mesma maneira? Vaihinger anota amiúde a necessidade de atender a passagens a que segundo ele ninguém prestara atenção, como aquela em que, no “Apêndice à Dialética Transcendental” da sua primeira *Crítica*, Kant sugere uma espécie de esquematismo da razão, por analogia com o esquematismo do entendimento, como sendo um processo mediante o qual a razão faz corresponder um objeto à sua ideia, mas apenas como “uma coisa transcendental”, como um mero “esquema da ideia enquanto princípio regulativo” (“*diese transzendente Ding ist Schema jenes regulativen Prinzips*”).²⁰ Mas nunca verdadeiramente se detém em pensar o que está envolvido nesse complexo processo. Ao tentar compreender a lógica específica do modo de pensar que Kant diz pela recorrente expressão

¹⁹ “Die eigentlich erste fruchtbare Anwendung der Fiktion in der Philosophie machte Kant, allein teilweise auch er ohne methodische Klarheit.” *Die Philosophie des Als Ob*, p.264; veja-se também p.269 e 272.

²⁰ KANT, I. *Kritik der reinen Vernunft* B 693 ss, Akademie Ausgabe, III, 440 ss.

“como se”, Vaihinger declara não ter encontrado ajuda nem em Kant nem em nenhum lógico. E, baseando-se em algumas passagens dos escritos kantianos, nomeadamente da Introdução à *Lógica* e também da *Crítica da razão pura*, acusa o próprio Kant de hesitação e de falta de clareza, em particular no que respeita à noção de ficção, que, segundo ele, o filósofo tende a confundir com a de hipótese, e à noção de juízo ficcional que tende a considerar como sendo uma forma de juízo problemático. Essa hesitação e falta de clarificação, por parte do filósofo, impede, segundo ele, a correta compreensão de todo o edifício da filosofia kantiana. Daí que Vaihinger se ocupe expressamente em clarificar esses dois pontos: determinar a natureza do juízo ficcional e clarificar a distinção entre hipótese e ficção. Segundo ele, o juízo ficcional não exprime nem uma verdade teorética, nem uma verdade absoluta, mas uma verdade prática e relativa, uma verdade que é apenas correta em relação àquele que a profere e ao fim que ele persegue, e cujo conteúdo, por conseguinte, só com cautela e prevenção pode ser chamado “verdadeiro”.²¹ A ficção tem apenas uma utilidade prática, ao passo que a hipótese tem uma utilidade teorética. Uma hipótese deve ser verificável. A ficção, pelo contrário, não pode ser verificável nem confirmada pela experiência, mas pode justificar-se pelo serviço que presta não só aos interesses práticos humanos como até à prática da investigação científica.²²

Seja qual for o valor dessa clarificação, é o seu próprio autor que, ao longo da obra, não a respeita, aplicando o termo ficção indistintamente a todo o tipo de representações, sejam elas as das ciências, as da filosofia ou as da religião. Tal generalização e nivelamento estendem-se também aos tópicos para os quais Kant apurara – e por vezes até instituíra – uma linguagem específica (intuições, categorias, ideias, postulados, esquemas, símbolos), ou procedera a estratégicas distinções metodológicas (mundo sensível/mundo inteligível, fenómeno/númeno, constitutivo/regulativo, determinante/reflexionante). Para Vaihinger, tudo isso é abrangido pelo “como se” e cai sob a sua muito generosa noção de ficção, juntamente com

²¹ *Die Philosophie des Als Ob*, p.603.

²² *Ibidem*, p.609.

os pressupostos da moralidade (reino dos fins, dignidade da humanidade, liberdade), as noções da filosofia kantiana do direito e da política, os tópicos da filosofia kantiana da religião. Mas nunca ele se detém um pouco a tentar perceber a diversa intencionalidade desses conceitos, os diferentes planos em que funcionam, a legitimação que nessa específica função os qualifica.

Assim tendencialmente reduzida ao modo de pensar do “como se” e interpretada como um ficcionalismo generalizado, não fica, contudo, desvalorizada a filosofia kantiana. Pelo contrário, segundo Vaihinger, ela representa o ponto máximo que atingiu o pensamento humano na sua máxima pureza: a consciência de que vive de ficções de que sabe ser ele mesmo autor.

Vejamos, a propósito, esta passagem em que Vaihinger comenta o trecho da *Fundamentação da metafísica dos costumes*, onde se fala da “dignidade da humanidade como uma simples ideia”. O texto de Kant é o seguinte: “Nisto reside precisamente o paradoxo, que a simples dignidade da humanidade enquanto natureza racional, sem qualquer outro fim ou vantagem a atingir por meio dela, por conseguinte o respeito por uma mera ideia deva servir de prescrição imprescindível da vontade, e que precisamente nesta independência das máximas relativamente a tais móbeis resida a sublimidade da mesma e a dignidade de cada um dos sujeitos racionais consista em ser um legislador no reino dos fins”.²³ Eis o comentário de Vaihinger:

“Nesta passagem magnífica alcançou Kant o ponto mais alto absoluto da sua filosofia crítica: a dignidade da humanidade, o reino dos fins são – como reconhece e ensina Kant – ‘meras ideias’, por conseguinte, conceitos sem qualquer ‘valor de realidade’ (*Realitätswert*), apenas ‘ficções heurísticas’, apenas ‘maneiras de ver’ (*Betrachtungsweise*), apenas um ‘ponto de vista’ (*Standpunkt*); pode, deve e tem de ser assim considerado, como se assim fosse: todavia, apesar deste juízo acerca da natureza ficcional destes

²³ KANT, I. *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*, Akademie Ausgabe, IV, 439.

modos de representação, o homem enquanto ‘ser racional’ orienta o seu agir por estas ficções. Aqui chegamos ao cume mais alto que o pensamento kantiano e o pensamento humano alguma vez atingiu. Apenas poucos, apenas os escolhidos podem ainda respirar nestas alturas: a grande massa necessita de um outro ar mais denso”.²⁴

O fato de ter reconhecido a importância da ficção no pensamento de Kant permitiu a Vaihinger estabelecer uma natural relação de parentesco entre o programa filosófico nietzscheano, em que a “vontade de verdade” dos filósofos é substituída pela “vontade de ilusão”, e o programa kantiano do *als ob*, e assim o autor de *O nascimento da tragédia* é reivindicado para a história do kantismo. Num Apêndice sobre “Kant e Nietzsche”, que acompanha a sua obra, Vaihinger põe em evidência a origem genuinamente kantiana ou mesmo neokantiana da filosofia de Nietzsche, mostrando que – pesem embora as declarações explícitas em contrário – esta tem de fato muito de Kant, por certo, “não do Kant dos livros escolares... mas do espírito de Kant, do autêntico Kant, aquele que viu a aparência até as suas mais profundas raízes, mas que, tendo visto em profundidade a aparência, também viu e reconheceu com consciência a sua utilidade e necessidade”.²⁵ O que no fundo une os dois pensadores é a valorização que fazem, cada qual a seu modo, da ficção poética e, graças a isso, o comum reconhecimento da importância da poética da ficção como sendo o trabalho fundamental da atividade criadora do espírito.

Apesar do estendal de ficções kantianas que nos expõe na sua obra, Vaihinger não chega a dar-nos uma pertinente clarificação nem da sua natureza, nem da sua função, nem da sua gênese. As observações críticas feitas por Cassirer ao programa vaihingeriano da “filosofia do como se”, no ensaio acima citado, mantêm toda a pertinência. Reduzir o “como se” à noção geral de ficção e ainda por cima atribuir a esta uma função apenas

²⁴ *Die Philosophie des Als Ob*, p.652.

²⁵ “Nietzsche hat tatsächlich sehr viel von Kant, freilich nicht von dem Kant, wie er in den Schulbüchern steht..., sondern vom Geiste Kants, des echten Kant, der den Schein bis in seine tiefsten Wurzeln durchschaut, aber auch die Nützlichkeit und Notwendigkeit des durchschauten Scheins mit Bewusstsein erkennt und anerkennt.” *Ibidem*, p.772.

prática e não teórica não ajuda muito a compreender a intencionalidade do *als ob* kantiano, o qual, se não visa o conhecer ou conhecimento no sentido próprio e kantiano do “*Erkennen*”, mantém-se todavia no plano do pensar ou do pensamento (*Denken*), pelo menos na medida em que este é exercido como a reflexão do sujeito sobre as suas próprias representações. Nessa reflexão há jogo e criação, há distanciamento. É esse distanciamento que impede que o sujeito, criador das suas ficções e aparências, seja enganado por elas, ou as tome pelo que elas não são nem podem ser.

Muito atento à dimensão estética da ilusão e da ficção em Nietzsche é estranho que Vaihinger quase não atenda a esse aspecto na filosofia de Kant e precisamente a propósito do tema do *als ob*, no que os §§ 49 e 59 da terceira *Crítica* lhe teriam sido de boa ajuda. O seu erro foi ter partido, por um lado, do pressuposto de que o *als ob* e as ficções têm de ser explicados como uma modalidade dos juízos lógicos (os juízos problemáticos) e, por outro, o considerar a lógica como a mecânica e tecnologia do pensamento, sendo as ficções tomadas como artifícios ou operações auxiliares do pensamento e o próprio pensamento visto como uma função orgânica que age em vista de fins biológicos e práticos.²⁶ Vaihinger inscreve a sua doutrina das ficções numa mecânica biológica (será também isso uma ficção?), ao passo que Kant inscrevia o seu “como se” e toda a vasta gama dos tópicos relacionados com o poder criador e ficcional do espírito, no que se poderia chamar uma heurística transcendental ou mesmo uma poética transcendental do espírito, mantendo-as porém, sob

²⁶ “O pensamento deve, pois, ser considerado como um mecanismo, uma máquina, um instrumento ao serviço da vida. Esta concepção é mais importante para a lógica do que parece à primeira vista, e por certo para a lógica como uma técnica do pensamento, não como teoria do conhecimento.” *Die Philosophie des Als Ob*, p.7. Ideias que são retomadas no tardio ensaio de autointerpretação, no qual defende uma versão peculiar do “primado do prático” com ressonâncias fichteanas, marxianas (!), schopenhauerianas e nietzscheanas (Wir begreifen die Welt nicht, indem wir über ihre Rätsel nachdenken, sondern indem wir an ihr arbeiten), colocando o pensamento ao serviço da “vontade de viver e de dominar” (Dem Willen zum Leben und zum Herrschen dienen als Mittel die Vorstellungen, Urteile und Schlüsse, also das Denken. Das Denken ist somit ursprünglich nur ein Mittel im Kampf ums Dasein und insofern nur reine biologische Funktion); por conseguinte, considerando todos os processos e formas do pensamento apenas como fenómenos biológicos (alle Denkvorgänge und Denkgebilde von vornherein nicht als in erster Linie rationalistische, sondern als biologische Phänomene). VAIHINGER, Hans. “Wie die Philosophie des Als Ob entstand”. In: *Die Deutsche Philosophie der Gegenwart in Selbstdarstellungen*, 2. Bd. Leipzig, 1921. p.204-205.

a tutela do juízo reflexionante, e não sob a alçada dum entendimento determinante.

Vaihinger reconhece, por certo, o papel da imaginação em geral na criação de ficções, como poderosa fonte não apenas da visão teórica do mundo de onde brotam todas as categorias, mas também como origem da fé ideal e do agir da humanidade,²⁷ e não ignora a importância que Kant atribuía à imaginação transcendental.²⁸ Mas ele próprio concebe a imaginação como uma força psíquica biológica, que produz as suas representações por um jogo mecânico com imanente necessidade, “em conformidade com leis puramente mecânicas” (*gemäss rein mechanischen Gesetzen*). Em Kant, a imaginação é produtiva e criadora de formas, e o seu produzir e o seu criar acontecem segundo uma lógica espontânea de “jogo livre” (com as representações) e, todavia, esse jogo espontâneo, não ditado por regras, é ele mesmo pertinente, tem a sua lei interior, é “conforme a fins” (*zweckmässig*).

Mas sobretudo aquilo a que Vaihinger não deu suficiente atenção (tornando-se assim realmente incapaz de compreender o *als ob* kantiano e tudo aquilo que ele implica) foi ao que Kant chamou a faculdade de julgar reflexionante. Penso poder dizer-se que é o princípio de reflexão que gere toda a filosofia transcendental kantiana. É ele que está em ação na criação de ideias estéticas, nos raciocínios por analogia, no esquematismo simbólico, no uso heurístico das ideias da razão ou do princípio da teleologia da natureza, no “como se”. O juízo de reflexão ou juízo reflexionante não é um juízo de aplicação de conceitos dados a casos que nele são subsumidos, mas é um juízo que implica sempre a invenção de uma nova relação, seja ela sob a forma de uma imagem, de um símbolo, de um esquema, de uma regra, ou de uma ideia. O princípio de reflexão é o próprio princípio de subjetividade como consciência dos pressupostos do que está em jogo no seu conhecer, no seu agir, no seu sentir estético, na sua compreensão. Mas porque esse

²⁷ *Ibidem*, p.69.

²⁸ *Ibidem*, p.78-79.

juízo, diferentemente do que pensava Vaihinger, não é meramente uma modalidade de juízo ficcional da lógica comum, mas um juízo reflexionante de intencionalidade subjectiva, o sujeito ao fazê-lo ficciona, mas não se deixa enganar com as suas ficções. O ficcionalismo entende-se melhor se não pretender dar-se por uma metafísica ou uma gnoseologia, mas se reconhecer como sua matriz de origem uma genuína inspiração estética.²⁹ E o próprio Vaihinger parece ter chegado muito mais tarde a essa evidência, no ensaio autointerpretativo que acima citei. Ao esclarecer a expressão “idealismo positivista”, com que designava o seu programa filosófico e que fora geralmente mal interpretada, ele escreve:

“Idealismo” significa neste contexto originariamente o mesmo que F. A. Lange chamou o “ponto de vista do ideal”: a livre instituição de valores absolutos ideais que estão para além da realidade empírica com a consciência de que precisamente estes valores são apenas construções da nossa ativa fantasia, mas, contudo, por outro lado, constituem uma parte essencial da nossa vida íntima e exterior. “Idealismo”, pois, neste contexto, não deve ser entendido nem num sentido metafísico nem num sentido gnoseológico, mas num sentido ético ao qual se associa o estético.[...] Sobre o que é empiricamente dado, estabelecemos nós, mediante a livre criação, o não dado, o irreal, que vivenciamos *como se fosse real*, ainda que saibamos que não é real: *o mundo como se*, o mundo dos valores ideais éticos e estéticos, isto é, aquele mundo somente por causa do qual vale a pena interessarmo-nos pelo admirável complexo de sensações e de movimentos a que chamamos a vida ou o mundo”.³⁰

²⁹ Na sua versão original, a doutrina vaihingeriana do *als ob* e da ficção tem uma inspiração pragmática e utilitária – “prática”, segundo a linguagem do autor –, e não o sentido originariamente estético e reflexionante que lhes atribui Kant.

³⁰ “‘Idealismus’ bedeutet in diesem Zusammenhange prinzipiell dasselbe, was LANGE, F. A. ‘Standpunt des Ideals’ genannt hatte: Die freie Setzung ideeller, d.h. über die empirische Wirklichkeit hinausgehender absoluter Werte mit dem Bewusstsein, dass eben diese Werte zwar nur Gebilde unserer aktiven Phantasie sind, aber doch andererseits einen notwendigen Bestandteil unseres inneren und äusseren Lebens ausmachen. ‘Idealismus’ ist also in diesem Zusammenhange weder im metaphysischen noch im erkenntnistheoretischen Sinne zu nehmen, sondern im ethischen Sinne, zu dem sich der ästhetische gesellt. [...] Aber über dieses empirisch Gegebene setzen wir durch freie Schöpfung das nicht Gegebene, das Irreale, das wir so erleben, *als ob* es wirklich wäre, obgleich wir wissen, dass es nicht wirklich ist: Die Als Ob-Welt, die Welt der ethischen und ästhetischen Wertideale, d.h. diejenige Welt, um deren Willen es allein sich lohnt, an dem wunderlichen Empfindungs- und Bewegungskomplex, den wir das Leben oder die Welt nennen, überhaupt sich zu beteiligen.” VAIHINGER, Hans. *Wie die Philosophie des Als Ob entstand*. In: *Die Deutsche Philosophie der Gegenwart in Selbstdarstellungen*, 2. Bd. Leipzig, 1921. p.212.

REFERÊNCIAS

ADICKES, Erich. *Kants "Opus postumum" dargestellt und beurtheilt*, Berlin: Reuther & Reichard, 1920.

_____. *Kant und die Als-Ob Philosophie*. Stuttgart: Fr. Frommanns Verlag, 1927.

CARTWRIGHT, Nancy. *How the Laws of Physics Lie*. Oxford: Clarendon Press, 1983.

CASSIRER, Ernst. "Erkenntnistheorie nebst den Grenzfragen der Logik". *Jahrbücher der Philosophie*, Berlin, n. 1, p.40-45, 1913.

CLÉRO, Jean-Pierre, *Les Raisons de la fiction – Les philosophes et les mathématiques*. Paris: Armand Colin, 2004

CONCHE, Marcel. *Avec des "si" – Journal étrange*. Paris: PUF, 2006.

DEL-NEGRO, Walter. Hans Vaihingers philosophisches Werk mit besonderer Berücksichtigung seiner Kantforschung. *Kant-Studien*, v. 39. p.316-327, 1934.

GOODMAN, Nelson. *Faits, fictions et predictions*, Paris: Minuit, 1985.

GRANGER, Gilles-Gaston. *Le probable, le possible et le virtuel*. Paris: Odile Jacob, 1995;

HANS-LUDWIG, Ollig. Religionsphilosophie der Sudwestdeutschen Schule. In: *Materialien zur Neukantianismus-Diskussion*. Darmstadt: WBG, 1987.

KANT, I. *Kritik der reinen Vernunft*. In: *Kant's Gesammelte Schriften*. Berlin: Akademie Ausgabe, v. III, 1922 ss.

KANT, I. *Grundlegung zur Metaphysik der Sitten*. In: *Kant's Gesammelte Schriften*. Berlin: Akademie Ausgabe, v. IV. 1922 ss.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Die philosophischen Schriften*, (ed. G. Gerhardt). Hildesheim: Olms Verlag, 1996. V. 6.

MARCK, Siegfried. Am Ausgang des jüngeren Neukantianismus. Ein Gedenkblatt für Richard Höningwald und Jonas Cohn. *Archiv für Philosophie*, v. 3, p.144-164, 1949.

MAIMON, Salomon. "Über die Progressen der Philosophie". In: *Aetas Kantiana*, (reimpressão) Bruxelles, 1793.

NATORP, Paul. Kant und die Marburger Schule. *Kant-Studien*, v. 17, p.193-221, 1912.

PHILONENKO, A. *L'École de Marbourg . Cohen – Natorp – Cassirer*. Paris: Vrin, 1989.

REICHENBACH, Hans. Brief an Arnold Berliner, 22. April.1921. In: *Archive for Scientific Philosophy*, Hillman Library, University of Pittsburgh (HR 015-49-26), s/d.

SANTOS, L. R. Hans Vaihinger: o Kantismo como Ficcionalismo?. In: *Kant: posteridade e atualidade*. Lisboa: CFUL, 2007. p.515-536

SCHAEFFER, Jean-Marie. *Pourquoi la fiction?*, Paris: Seuil, 1999.

_____. ; HEINICH, Nathalie. *Art, création, fiction, entre sociologie et philosophie*, Éd. Jacqueline Chambon, Paris, 2004;

SCHMUTZ, Jacob. "Épistemologie de la fiction: Thomas Hobbes

et Hans Vaihinger”. In: *Les Études Philosophiques*. Octobre 2006, pp.517-535.

VAIHINGER, Hans. *Die Philosophie des Als Ob. System der theoretischen, praktischen und religiösen Fiktionen der Menschheit auf Grund eines idealistischen Positivismus. Mit einem Anhang über Kant und Nietzsche*, Berlin, 1911.

_____. *Hartmann, Dühring und Lange. Zur Geschichte der deutschen Philosophie im XIX Jahrhundert. Ein kritische Essay* 1876.

_____. Kant – ein Metaphysiker? In: *Philosophische Abhandlungen. Christoph Sigwart zu seinem 70. Geburtstag von einer Reihe von Fachgenossen Gewidmet*, p.133-158, 1900.

VAIHINGER, Hans. Kant ein Metaphysiker? *Kant-Studien*, v. 7, p.110-117, 1902.

_____. *Kommentar zu Kants “Kritik der reinen Vernunft*. Stuttgart; Berlin; Leipzig, 1881-1892.

_____. Wie die Philosophie des Als Ob entstand. In: SCHMIDT, Raymund (Hrsg.), *Die Deutsche Philosophie der Gegenwart in Selbstdarstellungen*. 2. Bd. Leipzig: Felix Meiner, 1921.

WERNER, Flach; HOLZHEY, Helmut. Einführung. In: *Erkenntnistheorie und Logik im Neukantianismus. Texte von Cohen, Natorp, Cassirer, Windelband, Rickert, Lask, Bauch*. Hildesheim: Gerstenberg Verlag, 1979. p.9-14.

WILLRODT, S. *Semifiktionen und Vollfiktionen in Vaihingers Philosophie des Als-Ob*. Leipzig, 1934.

REVISTAS MENCIONADAS

Science et Avenir. (“Les Fictions de la Science”) n. 14, Juillet-Août, 2006.

Le Nouvel Observateur. (“Pourquoi nous croyons aux contes de fées”) n. 64, Dec. 2006 /Jan. 2007.